

**A seca no Nordeste brasileiro:
uma leitura do Jornal Folha de São Paulo**

*Drought in Northeast Brazil:
a reading of the newspaper Folha de São Paulo*

Jakeline Rodrigues de Aquino BEZERRA¹

Resumo

A região Nordeste do Brasil, desde o início da sua história, sofre com o estigma da seca. Sendo que no ano de 2013, a população nordestina sofreu uma das maiores secas dos últimos 50 anos. Este artigo se propõe a analisar, a partir da leitura crítica de mídia, como o jornal impresso Folha de São Paulo retrata o problema da seca no Nordeste, durante o ano de 2013, além de averiguar em que medida essa análise contribui para a compreensão do papel social dos meios de comunicação. Os múltiplos fatores que nutrem essa pesquisa nos levam a questionar o papel do jornal Folha de São Paulo na veiculação, em nível nacional, de matérias jornalísticas sobre uma das maiores secas ocorrida nos últimos anos. Foram analisadas matérias veiculadas pelo referido jornal durante todo o mês de outubro de 2013, no total 12 publicações. Assim, pode-se constatar que o veículo estudado exerce papel de extrema importância na construção do sentido social para fenômeno da seca no Nordeste do país.

Palavras chave: Nordeste. Seca. Meios de Comunicação.

Abstract

From the beginning of its history, Brazil's Northeast region suffers from the stigma of the drought. Since the year 2013, the northeastern population suffered one of the worst droughts in 50 years. This article aims to analyze as the printed newspaper Folha de São Paulo depicts the problem of drought in the Northeast during the year 2013 from the media critical reading and determine to what extent this analysis contributes to understanding of the social role of the media. The multiple factors that nourish this research lead us to question the role of the newspaper Folha de São Paulo on placement at the national level of journalistic materials on one of the major droughts occurred in recent years. Articles published by the Journal throughout the month of October 2013, in total 12 publications were analyzed. Thus it can be seen that the medium studied plays extremely important role in the construction of social meaning for drought phenomenon in the Northeast.

Keywords: Northeast. Drought. Media.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia-MG. E-mail: jakelineraquino@hotmail.com

Introdução

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas – ONU, o Nordeste brasileiro enfrentou no ano de 2013 a maior seca dos últimos 50 anos, com mais de 1.400 municípios atingidos. Essa realidade, no entanto, não é isolada. A previsão das Nações Unidas é de que “até 2030 quase metade da população mundial estará vivendo em áreas com grande escassez de água” (ONU, S.A, S.P).

No caso da região Nordeste do Brasil, sabemos que essa sempre sofreu com a estiagem, sendo caracterizada, desde o início de sua história, pelo estigma da seca. De acordo com Souza (1979) apud Campos e Studart, (2001), desde a colonização portuguesa, há relatos sobre a seca no Nordeste: "houve uma grande seca e esterilidade na província (Pernambuco) e desceram do sertão, ocorrendo-se aos brancos cerca de quatro ou cinco mil índios”.

Frente a esse dado, podemos afirmar que, há décadas, presenciamos o fenômeno da seca destruindo grande parte da economia rural da região Nordeste, trazendo imensos prejuízos para a população nordestina através das principais fontes de renda, tais como a pecuária, as lavouras de milho, feijão, mandioca e outros produtos característicos da região Nordeste. Muitas áreas, que outrora foram produtivas, hoje sofrem agudos processos de desertificação, favorecendo assim o êxodo rural e, conseqüentemente, contribuindo com outros problemas derivados do inchaço populacional na zona urbana.

É diante desse velho e conhecido cenário e frente à função social da comunicação midiática que questionamos o papel dos meios de comunicação atuais diante do processo histórico de luta e emancipação da seca no Nordeste e sua respectiva relação com a mídia no século XXI. Nesse caso, utilizamos como escopo de pesquisa o jornal Folha de São Paulo. Vale destacar que esse capítulo está dividido em cinco partes: Introdução; Fundamentação teórica: A seca no Nordeste, Papel da leitura crítica de mídia; Material e métodos; Resultados e análise e, por fim, Considerações finais.

Podemos enfatizar que os principais fatores que contribuem para com a estiagem, no Nordeste, são fatores de ordem climática, e que condicionantes ambientais provocados pela falta ou escassez de chuva produzem o que chamamos de semiaridez climática ou incidência das secas. Diante dessas vulnerabilidades ambientais associadas

a uma população vulnerável, alguns autores consideram que a seca no Nordeste adquire proporções de um desastre, com número de vítimas semelhante ao de outras catástrofes, a exemplo de inundações ou terremotos. A diferença é que os efeitos da seca, ao contrário dessas catástrofes, matam lentamente.

Diante da problemática exposta objetivamos analisar, a partir da leitura crítica de mídia, como o jornal impresso Folha de São Paulo, em nível nacional, retrata o problema da seca no Nordeste brasileiro, além de averiguar em que medida a análise desse aspecto contribui para a compreensão do papel social dos meios de comunicação. Este estudo é baseado em pesquisas bibliográficas e documental, e a análise das matérias jornalísticas apresentadas tem como suporte os princípios de leitura de mundo propostos por Caldas (2006), além de suporte teórico defendido por Kellner e Share (2008), que enfatizam a necessidade da alfabetização midiática, pois os meios de comunicação fazem parte do cotidiano das pessoas.

A comunicação midiática através da escrita, jornal impresso, revista; da fala, rádio ou imagem, televisão; exerce forte influência na sociedade moderna. Devido a tal aspecto, esses meios devem objetivar a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, através de princípios educativos que fortaleçam o indivíduo e o grupo, estruturando assim uma nova forma de relação social.

O jornal impresso, nesse aspecto, é tido como um forte aliado da sociedade atual por ser um veículo considerado de elevada credibilidade, propiciada por seu viés documental, pelo uso da escrita, de apelo universal, que decorre do fato de atingir qualquer público-leitor e de ação rápida e intensa. Nessa perspectiva, percebe-se que o jornal impresso pode servir como instrumento de educação, de formação e de inclusão social, por ser um veículo consolidado por excelência.

A seca do Nordeste

A seca no Nordeste é um tema polêmico e objeto de muitos estudos e debates, porém tal fenômeno ainda não tem uma definição que seja aceita em comum acordo por parte dos pesquisadores. Segundo Campos e Studart (2001), a definição de seca varia de acordo com o ponto de vista de cada observador, pois as percepções alcançam a maneira

de olhar, a vivência e a realidade de cada um. Na concepção desse autor, o conceito mais apropriado para tal fenômeno seria:

No Nordeste Brasileiro, a palavra seca adquiriu uma conotação bem particular. Na Região, a seca está intimamente associada à penúria, à fome, ao êxodo rural, aos carros pipas e às frentes de serviço. Para o camponês nordestino, seca e catástrofe social são sinônimos. Por sua vez, a palavra inverno também adquiriu um significado próprio distinto do seu sentido universal de uma das quatro estações do ano. Para quem desconhece o conceito regional, a afirmação de um ano sem inverno soa tão absurda a de um ano sem os meses de junho, julho e agosto. O nordestino entende inverno como a ocorrência de chuvas regularmente distribuída ao longo do período tradicional de cultivo (fevereiro-maio) em quantidade suficiente para proporcionar uma boa safra agrícola (CAMPOS e STUDART, 2001, p.09).

No sertão, as chuvas costumam se apresentar entre os meses de dezembro e abril, no entanto, em determinados anos, isso não vem acontecendo e acarreta em um longo período de escassez de água. Diante disso, Rebouças (1997) afirma que a longa estiagem provoca uma série de prejuízos aos agricultores como perda de plantações e animais, sendo que a falta de produtividade causada pela seca provoca a fome e até mesmo catástrofes no Nordeste brasileiro.

No ano de 2013, a seca no Nordeste toma proporções gigantescas, tão grandes quanto as secas registradas no ano de 1777-1779 e a do ano de 1888, que atingiu o frágil ecossistema nordestino e a população despreparada. De acordo com Campos e Studart (2001, p.03), a estimativa foi de que em 1777-1779 “morreram mais de 500.000 pessoas no Ceará e cercanias”; talvez esse tenha sido o maior desastre que já atingiu uma região brasileira. Já a seca de 1888 ocorreu um século depois e ficou conhecida como a *Seca dos três oitos*.

Outro fenômeno que marcou a história do Nordeste brasileiro foi a seca de 1979, se estendendo até o ano de 1983, período marcado pelo episódio chamado de El Niño 1982/1983. Esse fenômeno provocou intensas modificações no regime pluviométrico da região, no início da década de 80, causando uma “estiagem considerada como uma das mais longas e severas da história do Nordeste, onde o número de mortos foi considerado como de uma calamidade pública” (ALVARENGA, MATOS, SALES E SANTOS, 2012, p.03). Segundo o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOC’S,

(2009), o número estimado para essa época era de 700 mil a 3,5 milhões de mortos por conta da seca.

A seca é um problema que ocorre em várias partes do mundo, sejam países pobres ou ricos. De acordo com dados divulgados pela ONU, a escassez de chuva tem afetado principalmente as regiões da África e do Sahel, EUA, México, Brasil, partes da China e da Índia, Rússia e o sudeste da Europa. Além disso, 168 países afirmam ser afetados pela desertificação, processo de degradação do solo que afeta a produção de alimentos e é agravado pela seca. Diante de tal contexto, comum a alguns países e regiões como o Nordeste do Brasil, podemos ressaltar que o grau de diferenciação da seca entre um lugar e outro se caracteriza por medidas políticas adotadas de acordo com a realidade de cada país.

De acordo com Ab'Sáber (1999), as secas que assolam o Nordeste brasileiro criam discontinuidades forçadas na produção rural e conduzem a um desemprego maciço dos nordestinos, relegando-os à condição potencial de retirantes. Ainda com relação à migração, o mesmo autor ressalta que:

Assim, a grande região seca brasileira passou a ter o papel histórico de fornecer mão de obra barata para quase todas as outras regiões detentoras de algum potencial de emprego. Nordestinos de todos os recantos mobilizaram-se nas mais variadas direções, seguindo a vaga de cada época. [...] De uma situação-limite para a própria vida - que é a do remoto fundo dos sertões - na direção de outra margem de humanidade, representada pela imensidão florestal da Amazônia superúmida, sob condições precárias de segurança, vida e trabalho (AB'SÁBER, 1999, p.26-27).

Como resultado de tal realidade, Ab'Sáber (1999, p.27) afirma que “os planos governamentais de prevenção às consequências das secas têm sido relativamente impotentes e pouco eficazes para atender à sociedade sertaneja como um todo”. E, sobretudo, as políticas públicas atuais não são capazes de fixar os sertanejos em suas terras e principalmente em condições autossustentáveis de trabalho, elevando e melhorando suas condições de vida.

É inegável que a seca, em qualquer lugar do mundo, é um momento político por excelência. Diante desse fator, Ab'Sáber (1999, p.08) destaca que o Nordeste brasileiro “é uma região sob intervenção, onde o planejamento estatal define projetos e incentivos

econômicos de alcance desigual, mediante programas incompletos e desintegrados de desenvolvimento regional”. O autor destaca ainda o caráter híbrido do perfil socioeconômico atual da região, no qual o arcaísmo se mistura à modernidade e o patriarcalismo ainda se mostra presente.

Rebouças (1997) defende que as condições físico-climáticas predominantes na região Nordeste do Brasil podem até, relativamente, dificultar a vida e exigir maior empenho na gestão dos recursos naturais em geral e da água, porém tais fatores jamais podem ser responsabilizados pelo quadro de pobreza amplamente manipulado e sofridamente tolerado. “Destarte, o que mais falta no semiárido do Nordeste brasileiro não é água, mas determinado padrão cultural que agregue confiança e melhore a eficiência das organizações públicas e privadas envolvidas no negócio da água”. (REBOUÇAS, 1997, p.128).

Para amenizar o impacto das secas no Nordeste brasileiro são necessárias medidas que possam ser aplicadas preventivamente e durante a estiagem. Alvarenga, Matos, Sales e Santos (2012, p.03) afirmam que a criação de Políticas Públicas para a convivência com o semiárido é de fundamental importância para a agricultura, principalmente a agricultura familiar e deve ser pensada e executada de forma organizada e participativa para que os efeitos da estiagem não sejam prejudiciais ao cidadão nem à economia local.

Papel da leitura crítica de mídia

Quando falamos em mundialização ou globalização, fenômenos que segundo Morin (2003) se tornaram centrais nos últimos dez anos do século XX, é imprescindível destacar o papel relevante exercido pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e das tecnologias na consolidação e difusão desta nova realidade.

Diante desse cenário, Morin (2003) destaca que essa nova realidade está repleta de novos reducionismos, pois diz-se que estamos na “sociedade da informação”, na “sociedade da comunicação” ou na “sociedade do conhecimento”. No entanto, “estamos em sociedades de informação, de comunicação e de conhecimento” simultaneamente, pois a mídia, através do jornal impresso, da revista, do rádio, da televisão, da internet,

faz parte do cotidiano das pessoas e exerce influência sobre a sociedade moderna (MORIN, 2003, p.8).

Diante desse aspecto, Caldas (2006, p.118) reforça que “os meios de comunicação interferem diretamente na formação/deformação das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultos”. Diante de tal realidade, não há mais como negar a importância de estudos e pesquisas nos campos da educação e da mídia objetivando maior compreensão e eficiência no procedimento da leitura crítica de mídia.

Perante o constante bombardeio de informações aos quais somos submetidos diariamente pelos meios de comunicação, Caldas (2006) questiona: a mídia contribui, de fato, para uma leitura crítica do mundo real? A autora revela que muitos estudiosos apontam as fragilidades do sistema educacional do país, a assinalar: superficialidade, excesso de conteúdo e pouco cuidado com a linguagem como sendo os responsáveis pela realidade em que vivemos atualmente. Caldas (2006) reforça ainda que não basta apenas inserir recortes de jornais em livros didáticos, precisamos de maior incentivo na educação:

A incorporação de fragmentos de textos da imprensa nos livros didáticos não favorece a leitura crítica do mundo, porque são eles próprios, além de recortes, versões da realidade. Não são poucas as vezes em que os textos jornalísticos distorcem as suas relações entre presente, passado e futuro, razão pela qual dificultam a percepção crítica do mundo por não estabelecerem as necessárias conexões entre os fatos presentes com suas causas e consequências (CALDAS, 2006, p.119).

Nesse contexto, Kellner e Share (2008) afirmam que é essencial entender a mídia como um fluxo pertencente ao cotidiano das pessoas. Alguns pesquisadores defendem que esse fluxo midiático incentiva o desejo e o consumo, fortalecendo assim as estruturas do capitalismo e deixando de lado a importância da educação midiática.

Percebemos que essas transformações propiciadas pelas tecnologias e meios de comunicações, tanto nos níveis local como global, estão reconstruindo a maneira como as pessoas pensam e reestruturam as sociedades. E, é nessa contínua expansão de transformação que Kellner e Share (2008) reforçam a importância e consequente necessidade da alfabetização crítica da mídia como viés imperativo para o exercício da democracia participativa e consequentemente da cidadania.

Nesse sentido, Caldas (2006, p.120) questiona “o que é necessário para o exercício cidadão da leitura de mundo?” Logo em seguida, a autora responde que “simultaneamente à perda sucessiva de leitores, os jornais descobriram um importante nicho no mercado editorial: a escola”. Baccega (2003) reforça afirmando que esse novo espaço passa a atuar diretamente no processo educativo e na formação tanto de professores como de alunos.

A formação de cidadãos, atributo da escola, passa hoje obrigatoriamente pela habilitação do cidadão para ler os meios de comunicação, sabendo desvelar os implícitos que a edição esconde; sendo capaz de diferenciar, entre os valores dos produtores dos meios, aqueles que estão mais de acordo com a identidade de sua nação; reconhecendo os posicionamentos ideológicos de manutenção do status quo ou de construção de uma variável histórica mais justa e igualitária. E, para isso, a escola não pode esquecer-se do ecossistema comunicativo no qual vivem os alunos. Ou seja, ou a escola colabora para democratizar o acesso permanente a esse ecossistema comunicativo ou continuará a operar no sentido da exclusão, tornando maiores os abismos existentes (BACCEGA, 2003, p. 81).

Para aprender a ler a mídia e decodificar os sentidos explícitos e implícitos na estrutura narrativa da imprensa, Caldas (2006, p.123) ressalta que primeiramente precisamos “desenvolver alguns saberes que passam pela percepção crítica das estratégias e dos padrões na linguagem jornalística, tais como ocultamento, fragmentação e inversão, que possibilitam a manipulação deliberada da informação”.

A autora destaca, ainda, que somente poderemos fazer uma leitura crítica da mídia quando tivermos autonomia para pensarmos sobre o mundo a partir de uma reflexão sobre os conteúdos noticiosos. Tal situação ocorre porque a leitura de mundo possibilita uma melhor compreensão do poder da mídia e do papel ocupado pelos diferentes veículos no espaço público.

Aprender sobre o mundo editado pela mídia não é tarefa fácil, porém necessária para uma leitura crítica de mídia e de mundo. Caldas (2006, p.122) afirma que tal leitura exige muito mais que do que a competência do fazer jornalístico, exige “o entendimento claro de que a linguagem utilizada pela mídia encerra múltiplas interpretações, razão pela qual a leitura da mídia na escola não deve restringir-se à leitura de um veículo, mas à pluralidade dos meios”.

Kellner e Share (2008, p.689) alertam que “as novas tecnologias de informação e comunicação, associadas a uma cultura de mídia com base no mercado, fragmentaram, conectaram, convergiram, diversificaram, homogeneizaram” a mídia. Os autores enfatizam, ainda, que com objetivo exclusivo de captar maiores audiências e ampliar o lucro e o poder, os meios de comunicação e as indústrias de cultura criam e promovem uma cultura de mídia sintetizada, centrada no espetáculo.

Nessa contínua expansão midiática e tecnológica tanto Kellner e Share (2008) quanto Caldas (2006) enfatizam a importância da alfabetização crítica da mídia para a leitura de mundo, sendo essa capaz de proporcionar uma compreensão da ideologia, do poder e da dominação dos meios de comunicação e de grande parte dos que trabalham com educação midiática, orientando professores e alunos a compreender como o poder e a informação midiática estão sempre relacionados.

Resultados e discussão

O jornal Folha de São Paulo está situado na região Sudeste do país e é considerado líder de tiragem no Brasil, alcançando na década de 90 a média diária de 500 mil exemplares. Após passar por diversas fases e aderir a um novo projeto editorial que orienta a conduta do jornal, o Instituto Verificador de Circulação- IVC, através de pesquisa realizada em 2011, afirma que o Folha de S. Paulo obteve uma circulação média diária de 298 mil exemplares, sendo um dos jornais de maior tiragem do país.

Diante de tamanha representatividade, seja quanto à tiragem, seja enquanto formadores de opinião, optamos pelo jornal Folha de São Paulo. Além disso, trata-se de um dos veículos de comunicação de maior representação da mídia brasileira em âmbito nacional e; também, porque o Folha de São Paulo disponibiliza de forma digitalizada suas edições diárias por meio da internet, facilitando o acesso ao conteúdo tratado nesse texto.

Foram analisadas, nesse estudo, matérias jornalísticas veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo durante todo o mês de outubro de 2013, no total de 12 publicações. Escolhemos o mês de outubro como foco de publicação do referido jornal pelo fato de ter sido o mês em que mais discutimos textos e artigos sobre a Leitura Crítica de Mídia, enquanto disciplina do mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU,

além do mês de outubro ser aparentemente um dos mais críticos quando se trata do problema da seca no Nordeste.

Este estudo tem como base os princípios de leitura de mundo propostos por Caldas (2006), além de suporte teórico defendido por Kellner e Share (2008). Em função dos objetivos e metas anteriormente estabelecidos, definiram-se três categorias de análise de conteúdo defendidas por Caldas (2006): Fragmentação, Ocultamento e Inversão.

Partindo dos questionamentos já citados e levando em consideração tais categorias, construímos uma tabela onde associamos os critérios de Leitura Crítica de Mídia propostos por Caldas (2006) e os relacionamos com as matérias veiculadas, durante todo o mês de outubro de 2013, pelo jornal Folha de São Paulo:

Tabela 1: Análise das matérias veiculadas pelo Jornal Folha de São Paulo.

TEXTO	CRITÉRIOS DE LEITURA DE MÍDIA POR CALDAS (2006):		
	Fragmentação	Ocultamento	Inversão
Título da matéria veiculada e data:			
Seca e mandioca pressionam inflação acima da média no Nordeste. (03/10/13)	Foco voltado apenas para o comércio e alta de preços de alimentos.	Não mostra questões políticas, causas e efeitos sociais da seca ou soluções para minimizar os efeitos desta.	-----
Minissérie da Globo 'Amores Roubados' tenta captar o 'sertão real'. (08/10/13)	Propaganda de uma nova minissérie em que aborda o cenário nordestino.	-----	-----
Preço de ração e seca reduziram rebanho nacional em 2012. (10/10/13)	Foco na queda do rebanho e aumento no preço de insumos	Não mostra questões políticas, causas e efeitos sociais da seca ou soluções para minimizar os efeitos desta.	-----
Seca do semiárido nordestino é a pior dos últimos 30 anos, diz	Foco nos reservatórios de água monitorados pela ANA e no baixo	Não mostra as causas ou efeitos da seca na vida do homem do	

ANA. (13/10/13)	nível de reservas de água. E como solução mostra a contratação de carros-pipa e a expansão do Bolsa-Estiagem.	Nordeste.	-----
Canal no rio São Francisco avança apenas 1% em um ano. (19/10/13)	Foco no atraso da construção de eixos do canal de transposição do rio São Francisco. Na política, enfatiza que tal construção não será finalizada no governo de Dilma, como prometido em campanha eleitoral.	Não aborda a quantia que já foi gasta com a transposição e até que ponto a obra já foi construída. Também não mostra os beneficiados que a transposição do rio São Francisco pode trazer aos nordestinos.	-----
Luiz Gonzaga e as fronteiras do Nordeste. (20/10/13)	-----	-----	-----
Licitações atrasaram entrega de cisternas, diz governo. (27/10/13)	Foco na complexidade das licitações e na logística de transporte para justificar o não cumprimento da entrega de cisternas por parte do governo.	Não mostra as causas e os efeitos sociais da seca ou soluções para minimizar os efeitos desta.	-----
Empresas contratadas para instalar cisternas deixaram de preparar o terreno. (27/10/13)	Foco no fato de que as empresas contratadas para instalar as cisternas no Ceará estão repassando tal atividade aos moradores da região.	Não mostra o que os cofres públicos vêm gastando com a suposta instalação de cisternas nem os lucros das empresas contratadas para executar o serviço.	-----
Dilma descumpre meta de entregar 130 mil cisternas aos atingidos pela seca no Nordeste. (27/10/13)	Foco no governo por não ter cumprido a meta prevista para entrega de cisternas aos flagelados da seca. Mostra os carros-pipa como única solução para amenizar os efeitos da seca e o apadrinhamento político no acesso a esses carros-pipa.	Não mostra o lucrativo comércio gerado em torno dos carros-pipa nem os efeitos da seca na vida do homem do campo.	-----
Análise: Bois e bodes na	Foca no fato da		

pior seca dos últimos 60 anos. (27/10/13)	criação de bode ser mais adequada para o Nordeste do que a de gado.	-----	-----
Atingidos pela seca aguardam por cisternas prometidas por Dilma. (27/10/13)	Foca em um vídeo com matéria jornalística exibida no “TV Folha”, no qual famílias cearenses aguardam a entrega de cisternas por parte do governo federal.	Não aborda soluções paralelas ao uso de cisternas para convivência com o semiárido.	-----
Editorial: Seca da competência (29/10/13)	Foca no atraso da entrega das cisternas, sendo tal fato caracterizado como incompetência governamental. E, pela 1ª vez, aborda a escolha das cisternas de polietileno em detrimento das de alvenaria.	Não aborda soluções paralelas ao uso de cisternas para convivência com o semiárido.	-----

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Podemos perceber, na tabela acima, que as matérias analisadas e que abordam a temática da seca no Nordeste possuem como principal foco o comércio e a alta de preços de alimentos e insumos agrícolas provocados pela estiagem. Algumas dessas publicações, tais como a “Seca do semiárido nordestino é a pior dos últimos 30 anos”, publicada no dia 13/10/13, enfatizam também o baixo nível de água dos reservatórios monitorados pela Agência Nacional de Águas, ANA, sendo que a solução apontada para tal problemática seria a contratação de carros-pipa e a expansão do Bolsa-Estiagem.

Percebemos também na matéria intitulada “Canal no rio São Francisco avança apenas 1% em um ano”, veiculada no dia 19/10/13, a sugestão de que o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco não é a única solução para a seca, porém tal publicação não aponta a construção de cisternas como uma alternativa para convivência com o semiárido. Contudo, o veículo de comunicação enfatiza que a transposição do rio anda a passo de tartaruga e os canais, antes mesmo de concluídos, já apresentam inúmeros problemas.

Podemos destacar, ainda, que as matérias analisadas, de modo geral, não apontam de forma consistente as questões políticas, causas e efeitos sociais da seca ou soluções para minimizar os efeitos desta na vida do sertanejo. Contudo, é perceptível em alguns países desenvolvidos a existência de soluções paralelas para convivência com o semiárido.

Com base na tabela acima, pode-se apontar que, de maneira geral, o jornal Folha de São Paulo retrata a problemática da seca no Nordeste de forma não consistente, pois, mesmo não encontrando nenhuma “inversão” nas matérias analisadas, foi constatado, na pesquisa, que o Folha de São Paulo apresenta como característica da maioria de suas publicações a “fragmentação” e o “ocultamento” de dados que possibilitem uma maior compreensão do fenômeno seca no Nordeste.

Considerações finais

Em 2013, acompanhamos, através do noticiário ou por outros meios, uma nova estiagem a assolar o Nordeste brasileiro. A mesma é considerada pelos jornais, tanto a nível local como nacional, e pelos governantes estaduais e municipais como a pior seca a atingir a região nas últimas décadas. A exemplo, podemos citar que diversos Estados nordestinos, tais como Bahia, Ceará e Piauí, no ano de 2013, decretaram situação de emergência devido aos efeitos da seca.

Diante disso, compartilhamos dos pressupostos de Kellner e Share (2008) ao afirmarem que entender como a mídia se posiciona frente a esta temática é imprescindível para compreendermos como os meios de comunicação, mais especificamente os jornais, constroem um sentido social para fenômenos do cotidiano, tais como a seca.

Podemos perceber, com base na Leitura crítica de mídia, que a estiagem, além de dizimar milhares de nordestinos, também alimenta o que se convencionou chamar de “indústria da seca”. Nesses períodos, grupos econômicos e políticos locais tiram proveito do flagelo da região em benefício próprio ou por meio do comércio de carros-pipa ou angariando votos durante períodos eleitorais.

Diante desse cenário mascarado pelo fenômeno climático que tem por nome “seca”, podemos constatar que a maioria das verbas públicas são usadas, muitas vezes,

para construção de açudes e projetos de irrigação que beneficiam apenas os próprios grupos dirigentes. Além disso, os reais flagelados da seca vendem grande parte de suas terras ou de seus rebanhos a preços subavaliados para não o verem morrer, já que um carro-pipa de água, no sertão nordestino, chega a custar até R\$ 180,00 (no ano de 2013). A “indústria da seca” só eterniza os problemas sociais e econômicos da região Nordeste.

Ab'Sáber (1999, p.13) ressalta que essa situação não é de responsabilidade apenas da Natureza, mas principalmente de alguns governos e medíocres grupos capitalistas nacionais e locais: “Eles apenas mantêm vivas e controladas as populações, com bolsas, carros-pipa e cestas básicas, mas alocam recursos mínimos para medidas realmente estruturais de convivência no semiárido brasileiro”. Com isso, podemos perceber que a população se sente abandonada diante do descaso e inação por parte dos governos federal e estaduais do nosso país.

Diante de tal aspecto, faz-se necessário ampliar a noção da importância da alfabetização midiática para o exercício da leitura crítica de mídia e de mundo, através das múltiplas formas de mídia, seja ela música, vídeo, internet, anúncios, matérias jornalísticas etc.; contribuindo, assim, para um melhor entendimento, compreensão e discernimento crítico da realidade apresentada pelos diversos veículos midiáticos. Nesse sentido, podemos ressaltar que utilizar a mídia na escola é o primeiro passo para a leitura do mundo.

Em contrapartida, o exercício cotidiano no uso da mídia, em sala de aula, não deve se restringir à leitura de recortes ou fragmentos de jornais, revistas ou de veículos eletrônicos. Para se ler o mundo a partir dos veículos de comunicação, é fundamental que seus leitores aprendam antes a conhecer o mundo em que vivem, sendo sujeitos ativos na construção de sua própria história e, sobretudo, agentes mobilizadores de sua realidade.

Referências

AB'SÁBER, A. N. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. **Estudos Avançados**, v.13, n 36, 1999, p.7-59. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n36/v13n36a02.pdf>. Acesso: 20 de Novembro de 2013.

ALVARENGA, J; MATOS, H; SALES, M.C.L e SANTOS, E. A seca no Nordeste no ano de 2012: relato sobre a estiagem na região e o exemplo de prática de convivência

com o semiárido no distrito de Iguaçu/Canindé-Ce. **Revista Geonorte**, Edição Especial 2, v. 1, n.5, 2012, p. 819-830. Disponível em: <http://observatorio.faculdadeguanambi.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/Santos-et-al-2012.pdf>. Acesso: 19 de Novembro de 2013.

BACCEGA, M.A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

CALDAS, G. Mídia, Escola e Leitura Crítica do Mundo. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 117-130, jan./abr. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Acesso: 17 de Novembro de 2013.

CAMPOS, J.N.B e STUART, T.M.C. **Secas no Nordeste do Brasil: Origens, Causas e Soluções**. 2001. Disponível em: < http://www.deha.ufc.br/ticiana/Arquivos/Publicacoes/Congressos/2001/Secas_no_Nordeste_do_Brasil_08_de_junho_def.pdf > Acesso em: 22 de Novembro de 2013.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (DNOCS). **100 Anos de DNOCS: marchas e contramarchas da convivência com as secas**. 2009. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/publicacoes/sumarios/c&p162/c&p162_pag_58.pdf Acesso em: 25 de novembro de 2013.

KELLNER, D; SHARE, J. Educação para a Leitura Crítica da Mídia, Democracia Radical e a Reconstrução da Educação. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso: 19 de Novembro de 2013.

MORIN, E. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 20, 2003, p. 7-12. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3197/2462>Acesso: 22 de Novembro de 2013.

Organização das Nações Unidas - ONU. **Pior seca dos últimos 50 anos no nordeste brasileiro confirma estatísticas da ONU sobre escassez**. 2013. Disponível em: <http://www.onu.org.br/pior-seca-dos-ultimos-50-anos-no-nordeste-brasileiro-confirma-estatisticas-da-onu-sobre-escassez/>. Acesso: 20 de Novembro de 2013

REBOUÇAS, A da C. Água na Região Nordeste: desperdício e escassez. **Estudos Avançados**, v. 11, n 29, 1997, p. 127-154. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a07.pdf>. Acesso: 15 de Novembro de 2013.